

A ORAÇÃO DE JACÓ

Continuemos a nossa catequese sobre o tema da oração. O livro do Gênesis, através das vicissitudes de homens e mulheres de tempos distantes, conta-nos histórias nas quais podemos refletir as nossas vidas. No ciclo dos patriarcas, encontramos também o de um homem que tinha feito da astúcia o seu melhor talento: Jacó. A narração bíblica conta-nos a difícil relação que Jacó teve com o seu irmão Esaú. Desde crianças, houve rivalidades entre eles, que nunca foram resolvidas. Jacó é o segundo ilho, mas, com o engano, consegue obter de seu pai Isaac a bênção e o dom da primogenitura.³⁸ É apenas a primeira de uma longa série de astúcias das quais esse homem sem escrúpulos é capaz. Até o nome “Jacó” significa alguém que se move com astúcia.

Forçado a fugir para longe do seu irmão, ele parece ter sucesso em todos os empreendimentos da sua vida. É hábil nos negócios: enriquece muito, tornando-se o dono de um enorme rebanho. Com tenacidade e paciência, consegue casar com a mais bela das filhas de Labão, pela qual estava verdadeiramente apaixonado. Jacó – diríamos com linguagem moderna – é um homem que “se fez sozinho”, com a sua perspicácia, com a astúcia, conseguiu conquistar tudo o que quis. Mas faltava-lhe alguma coisa. Faltava-lhe a relação viva com as próprias raízes.

E um dia sente saudades de casa, da sua antiga pátria, onde ainda vivia Esaú, o irmão com o qual sempre tivera péssimas relações. Jacó partiu e fez uma longa viagem com uma numerosa caravana de pessoas e animais, até chegar à última etapa, o rio Jaboc. Aqui o livro do *Gênesis* oferece-nos uma página memorável.³⁹ Diz-nos

que o patriarca, depois de ter feito todo o seu povo e gado – que era tanto – atravessar o riacho, permanece sozinho na margem estrangeira. E pensa: o que o espera no dia seguinte? Qual será a atitude do seu irmão Esaú, ao qual roubara a primogenitura? A mente de Jacó é um turbilhão de pensamentos... E quando anoitece, de repente um desconhecido apodera-se dele e começa a lutar contra ele. O *Catecismo* explica: “A tradição espiritual da Igreja divisou nesta narrativa o símbolo da oração como combate da fé e vitória da perseverança”.⁴⁰

Jacó lutou até o romper da aurora, sem nunca se libertar das garras do seu adversário. No final, foi derrotado, atingido pelo seu rival no nervo ciático, ficando aleijado para o resto da vida. Esse misterioso lutador pergunta ao patriarca o seu nome, dizendo-lhe: “O teu nome não será mais Jacó, mas Israel; porque combatestes contra Deus e contra os homens e conseguiste resistir!”.⁴¹ Como se quisesse dizer: você nunca será o homem que caminha assim, mas direito. Muda-lhe o nome, muda-lhe a vida, muda-lhe a atitude: você se chamará Israel. Então também Jacó pergunta: “Peço-te que me digas o teu nome”. Ele não lho revela, mas em troca o abençoa. E Jacó percebe que encontrou Deus “face a face”.⁴²

Lutar com Deus: uma metáfora da oração. Outras vezes, Jacó tinha-se mostrado capaz de dialogar com Deus, de senti-lo como uma presença amiga e próxima. Mas dessa noite, através de uma luta que durou muito tempo e que o viu quase sucumbir, o patriarca saiu transformado. Mudança do nome, mudança do modo de viver e mudança da personalidade: ele saiu transformado. Desta vez já não é dono da situação – a sua astúcia não serve –, já não é o estrategista nem o homem calculista; Deus o reconduz à sua verdade de mortal que treme e tem medo, porque na luta Jacó sentiu medo. Pela primeira vez, Jacó nada

mais tem para apresentar a Deus a não ser a sua fragilidade e impotência, também os seus pecados. E é *este* Jacó que recebe a bênção de Deus, com a qual entra coxo na terra prometida: vulnerável, e vulnerado, mas com um coração novo. Certa vez ouvi um idoso dizer – um bom homem, um bom cristão, mas um pecador que tinha tanta fé em Deus –: “Deus me ajudará; ele não me deixará sozinho. Entrarei no paraíso a coxear, mas entrarei”. Anteriormente Jacó era um homem seguro de si; ele confiava na sua própria astúcia. Era um homem impermeável à graça, refratário à misericórdia; não sabia o que era a misericórdia. “Aqui sou eu que mando!”, pensava que não precisava de misericórdia. Mas Deus salvou o que estava perdido. Ele o fez entender que era limitado, que era um pecador que precisava de misericórdia e salvou-o.

Todos nós temos um encontro marcado com Deus de noite, na noite da nossa vida, nas muitas noites da nossa vida: momentos escuros, momentos de pecado, momentos de desorientação. Há ali um encontro com Deus, sempre. Ele nos surpreenderá quando menos esperamos, quando nos encontramos verdadeiramente sozinhos. Nessa mesma noite, lutando contra o desconhecido, tomaremos consciência de que somos apenas pobres homens – ouso dizer “infelizes” –, mas, precisamente nessa altura, quando nos sentirmos “pobres homens”, não deveremos recear: porque, nesse preciso momento, Deus nos dará um novo nome, que contém o sentido de toda a nossa vida; ele mudará os nossos corações e nos dará a bênção reservada para aqueles que se deixam transformar por Ele. Este é um bom convite para nos deixarmos transformar por Deus. Ele sabe como fazer, porque conhece cada um de nós. “Senhor, tu me conheces”, todos nós podemos dizê-lo. “Senhor, tu me conheces. Transforma-me”.

Papa Francisco
Audiência geral 10 de junho de 2020



CAPÍTULO 6

³⁸ Cf. Gn 25,19-34.

³⁹ Cf. Gn 32,23-33.

⁴⁰ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2573.

⁴¹ Gn 32,29.

⁴² Cf. Gn 32,30-31.